

## TÓPICOS SOBRE A NOÇÃO DE PRÁTICA E DE PROCESSO CRIATIVO

---

**JOÃO CAETANO**

A minha intervenção pretende apoiar-se em duas noções fundamentais que, no meu entender, estão na base de qualquer processo de criação artística: a autenticidade e a liberdade. Sem que ambas se encontrem consolidadas no interior do próprio artista, pouco ou mesmo nada de relevante aflorará da sua obra, seja ela de natureza plástica, literária, musical ou outra. É neste sentido que Kandinsky constrói esse belíssimo monumento da teoria de arte do século xx que se chama *Do Espiritual na Arte*. Nesta obra, o pintor russo considera que todo o artista se deve orientar de acordo com o que ele considera ser «O Princípio da Necessidade Interior». Na explanação que faz deste conceito, o autor encaminha todo o discurso para um procedimento, que é simultaneamente ético e estético, e ao qual o artista não pode subtrair-se enquanto criador. Paul Klee, colega de ensino e amigo de Kandinsky, perfilha uma visão em muitos aspectos semelhante a esta. A poesia quase inefável da sua obra aliada a um grande sentido de construção formal atiraram Klee para um patamar elevadíssimo dentro do contexto da arte (dita) moderna. Nele, a ingenuidade e a autenticidade da criança souberam andar sempre de mãos dadas com o sentido de análise e a inventividade mais apurada. A obra torna-se assim no espelho mais perfeito do autor. Como diz Stern a propósito da obra da criança e que, no meu

entender, pode ser também extensivo ao artista, «o que caracteriza a oficina é esta simultaneidade de liberdade e disciplina».

Estes são os valores que muitas vezes sustentam as minhas ideias, as minhas intenções e, espero também, as minhas práticas. Decorreu desta linha de pensamento a vontade de trazer a esta conferência alguns aspectos do meu trajecto pessoal enquanto ilustrador, ao longo de quase trinta anos. No início, o medo da escola e a rejeição instintiva de toda a disciplina extrema e castradora que nela cedo fui percebendo fizeram com que uma porta se fechasse em mim para outra se abrir, a que dava para um território novo que passei a percorrer com a felicidade renovada de uma criança à descoberta. Foi o tempo das «revistas aos quadrinhos», dos livros de BD, cultivados na solidão do quarto, cujas personagens e os estilos de cada autor eu procurava imitar; desenhadores tão díspares como Russ Manning, Sy Barry, Carlos Alberto Santos, Uderzo, etc., fizeram parte desse tempo fantástico... Foi também o tempo das ilustrações a partir dos relatos de futebol que, ao domingo, sagradamente se ouviam em minha casa, pois a televisão não existia em Moçambique.

Em Portugal, a partir de 1975, o trajecto escolar continuou instável. Valeu o contacto (inicialmente conflituoso) com a professora de Inglês, Maria dos Anjos Caseiro, que me ofereceu mais tarde a possibilidade de ilustrar alguns manuais seus para a disciplina. O restante percurso encontra-se minimamente documentado no conjunto de imagens que irei projectar: os desenhos do futebol, os desenhos na sala de aula, o álbum de banda desenhada criado e editado em casa, o primeiro manual escolar, o primeiro conto ilustrado para a infância e, finalmente, aquele que, em muitos aspectos, se me afigura como a síntese de todo este processo: *A Maior Flor do Mundo*, escrito por José Saramago.